



LEGADOS CLÁSSICOS

Explore 12 legados culturais que revelam como o mundo antigo permanece vivo no presente e inspira o futuro.

Do mundo clássico aos nossos dias: descubra como a herança grega e romana continua a moldar a nossa forma de viver, pensar e criar.

EXPOSIÇÃO

CATÁLOGO



FICHA TÉCNICA

Título
Legados Clássicos.
Catálogo da Exposição

Ano
2025

Coordenação científica
Sónia Bombico
(UÉvora - IIFA, CIDEHUS, MED & UNIMED Office)
e Leonor Dias Garcia
(UÉvora - CIDEHUS)

Seleção de conteúdos e imagens
Alunos da Unidade Curricular "Sociedades e Culturas Clássicas" da Licenciatura em Património Cultural:
Afonso Maldonado; Ana Fragoso; Ana Leonor Hayes Castelo; Beatriz Rocha; Clara Del Olmo Miranda; Daniela Valentim; Emílio Tomiel Varela; Francisco Rosado; Henrique Tavares; João Silva; Laura Bagorro; Margarida Candeias; Maria Helena Gomes; Marta Fialho; Martina Casa Nova; Rafaela Sofia Simões Herculano; Raquel Pereira; Ridauria Cunha Gouveia; Sara Bagão; Sofia Venâncio; Sophia Cezaretto Prioste

Revisão de conteúdos e redação de textos finais
Leonor Dias Garcia
(UÉvora - CIDEHUS)

Design gráfico
Luísa Rocha
(Técnica Superior de Comunicação do CIDEHUS – UÉvora)

Edição
CIDEHUS – UÉvora

Impressão
Hangar Criativo - Soluções de Publicidade, Lda.

Financiamento
Projeto MEDHEUS (1085693) -

Funded by the European Union. Views and opinions expressed are however those of the author(s) only and do not necessarily reflect those of the European Union or the European Education and Culture Executive Agency (EACEA). Neither the European Union nor EACEA can be held responsible for them; Financiados por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/00057/2025

ISBN: 978-972-778-497-4 | DOI: 10.60469/5773-TY47

SINOPSE

A exposição *Legados Clássicos* convida os visitantes a explorar a fascinante herança cultural das civilizações grega e romana. Através de uma cuidada seleção de 12 elementos marcantes – incluindo artefactos, sítios arqueológicos, textos clássicos e outros marcos da Antiguidade –, esta mostra destaca a riqueza e a durabilidade do mundo clássico, bem como o seu impacto na construção das sociedades contemporâneas. Cada um dos 12 elementos é apresentado sob a forma de poster, com descrições que contextualizam a sua origem, função e relevância no mundo antigo. Para além da explicação histórica, cada peça é abordada como expressão do legado clássico, evidenciando a sua influência em áreas como a arquitetura, filosofia, política, literatura, arte, ciência e ética. Esta abordagem convida à reflexão sobre a forma como esse legado continua presente na cultura europeia. A exposição constitui uma oportunidade para refletir sobre a importância do estudo do património cultural, quer como base para a compreensão da sociedade atual, quer como fonte de inspiração para o futuro da Humanidade, reconhecendo os valores intemporais herdados da civilização clássica.

CONCEPÇÃO E CONTEXTO DA EXPOSIÇÃO

A exposição foi preparada pelos alunos da unidade curricular “Sociedades e Culturas Clássicas”, da Licenciatura em Património Cultural da Universidade de Évora. Esta unidade proporciona aos estudantes uma compreensão mais aprofundada dos processos históricos do mundo clássico, integrando, em simultâneo, o contributo civilizacional da cultura greco-romana na formação da identidade e cultura europeias. A unidade curricular foi lecionada por André Carneiro (docente responsável) e Sónia Bombico, professores e investigadores da Universidade de Évora. Os trabalhos foram orientados e supervisionados por Sónia Bombico e Leonor Dias Garcia, ambas investigadoras do CIDEHUS e membros da equipa do projeto MEDHEUS – *Mediterranean Cultural Heritage in EU Policies*, no âmbito do qual a exposição foi desenvolvida.





A Odisseia

A *Odisseia*, atribuída a Homero, é uma das obras fundadoras da literatura ocidental. Composta oralmente no século VIII a. C. e registada por escrito no século VI a. C., narra o retorno de Ulisses a Ítaca após a Guerra de Troia. Esta epopeia foi a base da **formação moral e cívica dos gregos**, exaltando a lealdade e o respeito pelos deuses. É uma profunda reflexão sobre a condição humana, explorando a astúcia, a coragem, a perseverança e o desejo de regresso através da jornada de Ulisses, cujas provações culminam simbolicamente no reencontro com os seus laços e identidade (Lourenço, 2018; Ruiz, 2019).

Legado cultural

A *Odisseia* reflete a cultura da Grécia arcaica, onde Ulisses representa um novo tipo de herói, encarnando o **espírito agónico grego** na busca por prestígio e reconhecimento através da inteligência (Leão, 2013). Preservada em fragmentos de papiro, manuscritos medievais e edições impressas, é hoje um **pilar do ensino** em vários países europeus, integrada em currículos do ensino básico e secundário, e encontra-se em **bibliotecas históricas** como a Biblioteca Apostólica Vaticana e a Biblioteca Nacional de França.

A sua influência na literatura ocidental é vasta e duradoura. Inspirou autores clássicos como Virgílio (*Eneida*); renascentistas e modernos como Camões (*Os Lusíadas*), Torquato Tasso (*Jerusalém Libertada*) e William Shakespeare (*A Tempestade*); e contemporâneos, como James Joyce (*Ulysses*). N'Os Lusíadas estabelece-se um diálogo direto com Homero, evidenciando uma "sucessão espiritual" da epopeia (Alves, 2005). O termo "odisseia" tornou-se sinónimo de "jornada longa e significativa que proporciona conhecimento", sendo inclusive adotado em missões espaciais da NASA. A indústria cinematográfica também recorreu à sua estrutura narrativa em filmes como 2001: *Uma Odisseia no Espaço* e *Irmão, Onde Estás?* (Powell, 2014). A capacidade de dialogar com diferentes épocas e culturas, influenciando a arte, a literatura e o imaginário coletivo, confirma a obra como um dos pilares da civilização ocidental.

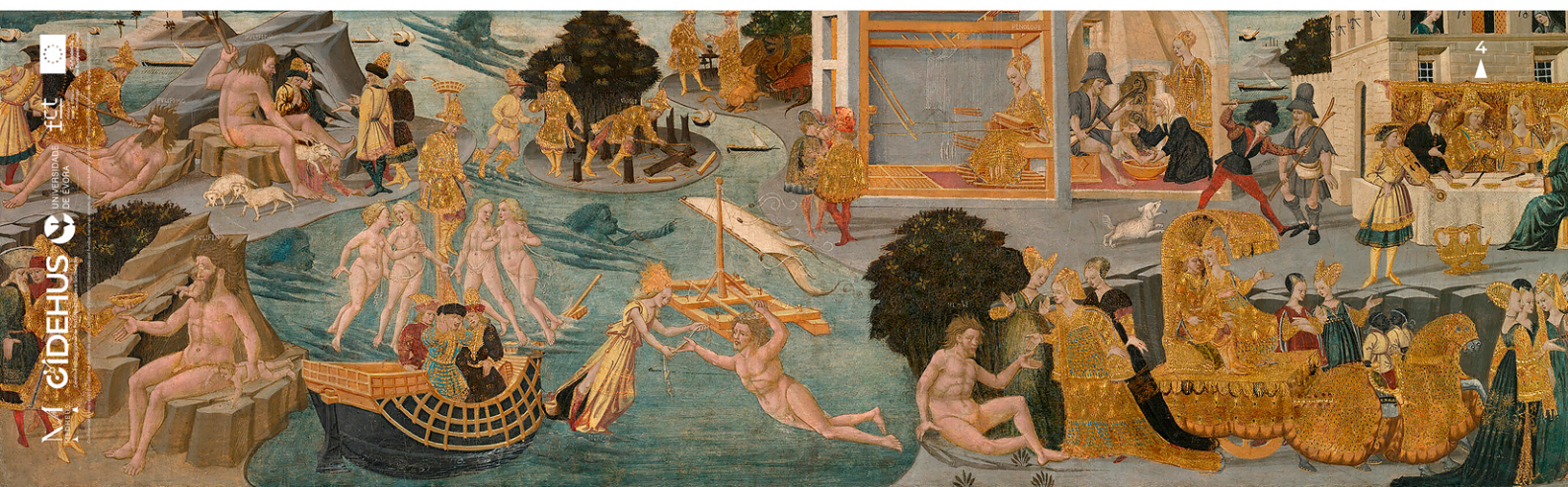


Legendas

1- Mosaico romano *Ulisses e as sereias*, século II d. C. The National Bardo Museum, Túnis, Tunísia. 2- Manuscrito medieval da *Odisseia* de Homero, século XV. British Library, Londres, Reino Unido. 3- Busto em mármore do ciclope Polifemo, helenístico ou romano, século II a. C. ou posterior. Museu de Belas Artes de Boston, EUA. 4- *The Adventures of Ulysses*. Apollonio di Giovanni, 1435-1445. Art Institute of Chicago, EUA.



Bibliografia



A Odisseia

Seleção de conteúdos e imagens

Henrique Tavares e Sophia Cezaretto Prioste

BIBLIOGRAFIA

Alves, Hélio J. S. (2005). Presença da Odisseia em Camões. *Revista Camonianiana*, 3.ª série, vol. 17, Bauru – São Paulo, 39-46.
<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/20897>

HOMERO. *Odisseia*. Trad. e introd. Frederico Lourenço. 1.ª ed. Lisboa: Quetzal, 2018.

Leão, D. (2013). Ulisses e o espírito agônico grego: o herói da imaginação, do sacrifício e do conhecimento. *Estudos Clássicos 1. Origens do pensamento ocidental*, 1, 17-23.
<https://hdl.handle.net/10316/41920>

Lourenço, F. (2018, 14 de fevereiro). A Ilíada e a Odisseia são dois grandes tratados sobre a natureza humana. *Observador* [<https://observador.pt/2018/02/14/frederico-lourenco-a-iliada-e-a-odisseia-sao-dois-grandes-tratados-sobre-a-natureza-humana/>].

Powell, B. B. (2014, 31 de Julho). Entrevista *The Odyssey in culture, ancient and modern* [vídeos]. OUPblog e YouTube.
<https://blog.oup.com/2014/07/the-odyssey-in-culture-ancient-and-modern/>

Ruiz, R. (2019). A Odisseia de Homero e a condição humana. *Intellèctus*, 18(1), 1-25. <https://doi.org/10.12957/intellectus.2019.44031>



Hades

A mitologia grega, através das suas divindades, mitos de criação e concepções do Além, reflete a visão que os gregos tinham do mundo e do sagrado (Pereira, 2000). Neste universo simbólico, destaca-se Hades, deus do Submundo e dos mortos, figura central que personifica as crenças associadas à morte. As primeiras referências a Hades datam de 1500 a. C. a 500 a. C., período em que os mitos começaram a ser registados por autores como Hesíodo e Homero. Hades, filho de Cronos e Reia, partilhou o mundo com os irmãos Zeus e Poseidon após a derrota dos titãs (The Editors of Encyclopaedia Britannica, 2025). Recebeu o Submundo, com os Campos Elísios para as almas recompensadas, o Tártaro para as punidas e os Campos de Asfódelos para as neutras. Temido, mas respeitado, Hades simbolizava o fim da vida, o ciclo natural da existência e a ordem e justiça no pós-vida.

Legado cultural

Hades moldou a visão antiga sobre a morte e o Além. O seu simbolismo está ligado ao destino das almas e às crenças gregas sobre a vida após a morte, influenciando filósofos como Platão e correntes como o Orfismo e o Pitagorismo (Pereira, 1955).

O Submundo foi também retratado na poesia grega. Hesíodo, em *Teogonia*, descreveu-o, contrastando-o com a visão homérica presente na *Odisseia* ou na *Iliada* (Pereira, 1953-1954; Gazis, 2018; Sekita, 2019). Na arte, representações como *O Rapto de Proserpina*, escultura de Bernini, retratam o ponto alto do célebre mito. Contudo, nas representações visuais de culturas posteriores, o foco afastou-se do significado religioso, dando lugar a uma abordagem mais centrada no entretenimento

(Buckley, 2012). Hades é uma personagem recorrente no imaginário contemporâneo, no cinema (como em *Hércules*, *Percy Jackson* e *Fúria de Titãs*) e nos videojogos (*Hades*), onde a ambiguidade da sua personalidade se mantém uma constante (Gordon, 2015).

A cultura de massas reformulou a sua imagem, associando-o frequentemente ao diabo judaico-cristão. O seu legado perdura no imaginário coletivo e nas reflexões sobre o nosso lugar no mundo e o que existe para lá dele.



Legendas

1- Busto de Hades/Plutão. Cópia romana em mármore de um original grego do século V a. C. Museo Nazionale Romano, Palazzo Altemps, Roma, Itália. 2- Imagem do filme *Fúria de Titãs 2*, com o ator Ralph Fiennes no papel de Hades. © 2012 Warner Bros. Entertainment Inc. and Legendary Pictures Funding, LLC. 3- Cratera (taça para misturar vinho e água) em terracota, com a representação da ascensão de Perséfone do submundo, 440 a. C. The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, EUA. 4- Cerâmica encontrada em Taranto, Itália, com a representação do rapto de Perséfone por Hades, 350-325 a. C. Allard Pierson Museum, Amsterdão, Países Baixos.



Bibliografia



Hades

Seleção de conteúdos e imagens

Afonso Maldonado e Martina Casa Nova

BIBLIOGRAFIA

Buckley, S. (2012). *Persephone and Hades: A Study of Representation in Art and Culture*. Student Scholarship, 13. Disponível em: <https://digitalcommons.lindenwood.edu/student-research-papers/13> (consultado em 25-06-2025).

Gazis, G. A. (2018). Hades in the *Iliad*. In *Homer and the Poetics of Hades*. Oxford University Press, 25-46. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198787266.003.0002>

Gordon, J. (2015). *Who the hell is Hades? An examination of Hades' reception within modern film* [Tese de mestrado, Te Herenga Waka – Victoria University of Wellington]. Open Access Te Herenga Waka – Victoria University of Wellington. Disponível em: https://openaccess.wgtn.ac.nz/articles/thesis/Who_the_hell_is_Hades_An_examination_of_Hades_reception_within_modern_film/17011463?file=31465970 (consultado em 25-06-2025).

Pereira, M. H. da. R. (1953-1954). Acerca do “Hades” em Hesíodo. *Humanitas*, 5-6, 33-51.

Pereira, M. H. da. R. (1955). *Concepções Helénicas de Felicidade no Além: de Homero a Platão*. Coimbra Editora.

Pereira, M. H. da. R. (2000). *Estudos de História da Cultura Clássica: Cultura Grega* (11.ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

Sekita, K. (2019). Homer and the Poetics of Hades. *Kernos*, 32. [Online]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/kernos/3183>. (consultado em 25-06-2025).

The Editors of Encyclopaedia Britannica (2025, Junho 11). *Hades*. *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Hades-Greek-mythology> (consultado em 24-06-2025).

Vernant, J.-P. (1995). *O Universo, os Deuses, os Homens*. Lisboa: Edições 70.





Discóbolo

O Discóbolo, ou “Lançador de Disco”, é uma das obras mais emblemáticas da escultura clássica grega, criada por Míron por volta de 450 a. C. (Boardman, 1985). Representa um jovem atleta no instante pré-lançamento, capturando a máxima tensão física e a iminência do movimento, uma característica notável da arte grega do século V a. C. que expressa virtude e harmonia (Gombrich, 2000). A nudez do atleta simboliza a excelência física, moral e intelectual, refletindo o ideal grego da *kalokagathía*, que unia o “belo” ao “bom” e “virtuoso”. A obra permanece um testemunho artístico e filosófico dos ideais estéticos greco-romanos. Embora a escultura original se tenha perdido, várias cópias romanas em mármore são preservadas em museus como o Museu Nacional Romano e o British Museum.



Legado cultural

A influência clássica no desporto e na arte é inegável. Graças às cópias romanas do Discóbolo, apreciadas para fins decorativos e ideológicos, conhecemos hoje a obra de Míron. A escultura inspirou artistas do Renascimento, como Leonardo da Vinci e Miguel Ângelo que, motivados pelos ideais classicistas, estudaram a anatomia e as proporções do corpo humano, demonstrando a importância dos modelos da Antiguidade para o desenvolvimento artístico e científico europeu (Italian Renaissance Learning Resources, s. d.; Bambach, 2002). Em 1896, com a recuperação dos Jogos Olímpicos por Pierre



de Coubertin, a escultura ganhou nova visibilidade, através de medalhas e selos comemorativos preparados para os primeiros jogos modernos, conectando assim o passado clássico ao presente (Young, 2004). No século XX, a escultura continuou a ser uma referência, por vezes associada a ideologias nacionalistas e militaristas, como no Brasil, onde foi usada em materiais de Educação Física durante o “Estado Novo” (Rocha, 2020). Hitler chegou a adquirir o Discóbolo em 1938, mas a estátua regressou a Itália em 1948 e encontra-se hoje no Museu Nacional Romano.

Legendas

1- Poster dos Jogos Olímpicos de 1948, da autoria de Walter Herz. International Olympic Committee, Lausanne, Suíça. 2- A apresentação do “Lançador de Disco” de Míron a Adolf Hitler na Gliptoteca de Munique, 1938. Österreichische Nationalbibliothek, Viena, Áustria. 3- Disco de bronze, Grécia, século VI a. C. British Museum, Londres, Reino Unido. 4- Taça com figuras vermelhas. Atenas, cerca de 490 a. C. Museu do Louvre, Paris, França. 5- Discóbolo de Townley, cópia greco-romana do Discóbolo de Míron, escavado na Villa Adriana, em Tivoli, perto de Roma, em 1791. © The Trustees of the British Museum, Londres, Reino Unido.



Bibliografia



Discóbolo

Seleção de conteúdos e imagens

Margarida Candeias e Raquel Pereira

BIBLIOGRAFIA

Bambach, Carmen (2002). Anatomy in the Renaissance. *Heilbrunn Timeline of Art History*. The Metropolitan Museum of Art. Disponível em: http://www.metmuseum.org/toah/hd/anat/hd_anat.htm (consultado em 10-07-2025).

Boardman, J. (1985). *Greek sculpture: The Classical period*. Thames & Hudson.

Gombrich, E. H. (2000). A história da arte. LTC Editora.

Italian Renaissance Resources. (s. d.). *Classical treatment of the body*. Disponível em: <https://www.italianrenaissanceresources.com/units/unit-7/essays/classical-treatment-of-the-body/> (consultado em 10-07-2025).

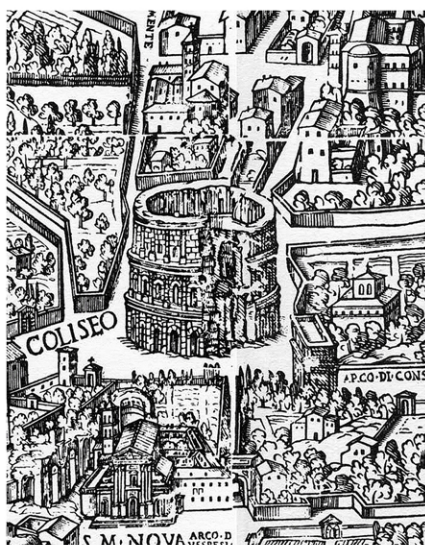
Rocha, A. M. (2020). O Discóbolo de Míron e a Educação Física brasileira: O que está por trás da aparência? *Revista Cocar*, 14(30). Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3657> (consultado em 10-07-2025).

Young, D. C. (2004). *A brief history of the Olympic Games*. Blackwell Publishing.



Coliseu de Roma

O Coliseu, ou Anfiteatro Flaviano, começou a ser construído em 72 d. C. por **Vespasiano** e foi concluído em 80 d. C. sob **Tito**, com modificações posteriores de **Domiciano** (Coarelli, 2007). Localizado no centro de Roma, é o **maior anfiteatro romano**, com 188 m de comprimento, 156 m de largura e 48,5 m de altura, tendo sido construído com tijolos revestidos de argamassa e travertino (MacDonald, 1982/1986). Acomodava cerca de 87 mil espectadores, distribuídos por classes sociais (Claridge, 1998). O seu interior incluía a *cavea* (assentos), *arena* (palco), *podium* (melhores lugares) e o *hypogeum* (túneis para gladiadores e animais). Os espetáculos, como combates de gladiadores, *naumaquias* e lutas de animais, funcionavam como **entretenimento e propaganda imperial**.



► 2

Legado cultural

O Coliseu é um dos mais poderosos símbolos da civilização romana e um ícone da cultura ocidental. A sua inovação arquitetónica inspirou arquitetos e engenheiros ao longo da história (Beard, 2015). Tornou-se um **tema recorrente nas artes visuais e no entretenimento**, simbolizando a grandiosidade do Império Romano e inspirando pintores, escritores e cineastas, como Ridley Scott (*Gladiator*, 2000). A cruz de Cristo no seu interior assinala-o como **lugar de memória para o cristianismo**, recordando as execuções públicas e as perseguições aos cristãos (Hopkins, K., & Beard, M., 2005).

Pelo seu forte caráter histórico, o monumento foi usado como **símbolo identitário pelo regime fascista** que, em 1932-1933, abriu uma avenida ligando-o à Piazza Venezia para a realização de paradas militares (Claridge, 1998). Declarado **Património Mundial da UNESCO** em 1980 e uma das 7 Maravilhas do Mundo Moderno, o Coliseu mantém o seu simbolismo: em 2024, **iluminou-se com a bandeira da União Europeia** para celebrar o Dia da Europa e incentivar o voto nas eleições europeias (Baccini, 2024).

Legendas

- 1- Interior do Coliseu de Roma. Merakist, 2018.
- 2- Planta de Roma, com a localização do Coliseu. Giovanni Maggi, 1626.
- 3- Vista aérea do Coliseu de Roma. Spencer Davis, 2019.



Bibliografia



Coliseu de Roma

Seleção de conteúdos e imagens

Laura Bagorro e Sara Bagão

BIBLIOGRAFIA

Beard, M. (2015). *SPQR: A history of ancient Rome*. Liveright Publishing Corporation.

Baccini, F. (2024, 9 de maio). *Colosseum, Castello Sforzesco, Mole Antonelliana. All monuments illuminated on Europe Day*. EUNews. <https://www.eunews.it/en/2024/05/09/colosseum-castello-sforzesco-mole-antonelliana-all-monuments-illuminated-on-europe-day/> (consultado em 14-07-2025).

Claridge, A. (1998). *Rome: An Oxford archaeological guide*. Oxford University Press.

Coarelli, F. (2007). *Rome and environs: An archaeological guide*. University of California Press.

Hopkins, K., & Beard, M. (2005). *The Colosseum*. Harvard University Press.

Lane Fox, R. (1986). *Pagans and Christians*. Alfred A. Knopf.

MacDonald, W. L. (1982/1986). *The Architecture of the Roman Empire* (2 vols.). New Haven and London.



Templo romano de Évora

O templo romano ergue-se no centro de Évora e foi construído entre os séculos I-II d. C., num contexto de desenvolvimento urbanístico e afirmação do poder imperial (Direção-Geral do Património Cultural, s. d.). A cidade, com o estatuto de município e o título *Liberalitas Julia*, recebeu o templo como símbolo da romanização da região e do prestígio da cidade, sendo uma das que contava com o maior número de famílias senatoriais (Alarcão, 1988). A designação popular de “templo de Diana” (Manuel Fialho, Évora Ilustrada, 1690) não tem fundamento histórico, sendo hoje mais consensual atribuir a sua dedicação ao culto de Augusto (Direção-Geral do Património Cultural, s. d.; Alarcão, 1988).

Legado cultural

O monumento é um dos templos romanos mais bem preservados da Península Ibérica (Alarcão, 1988). Foi integrado no castelo medieval desde o século XIV, tendo-se fechado a colunata com paredes de alvenaria. Posteriormente serviu como açougue até ao

século XIX, estando anexo ao Palácio da Inquisição. Esta continuidade do uso do espaço permitiu o estudo detalhado da sua arquitetura, das técnicas construtivas e das transformações urbanísticas da cidade (Direção-Geral do Património Cultural, s. d.; Branco et al., 2016). Na modernidade, André de Resende, influenciado pelos ideais renascentistas e em apoio às políticas régias, evocou o “poder simbólico das ruínas romanas” e promoveu a antiguidade de Évora, contribuindo para a génese da consciência patrimonial em Portugal (Abreu, 2012; Rodrigues, 2020). A valorização como património histórico e os primeiros esforços de conservação iniciaram-se em 1844-1845 com as primeiras escavações arqueológicas, graças a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Em 1989-1994 consolidou-se a compreensão científica global da estrutura e do seu contexto, com as escavações dirigidas por Theodor Hauschild e as publicações científicas de Jorge de Alarcão. Classificado como Património Mundial da UNESCO em 1986, o templo romano continua a ser um símbolo da cidade de Évora (UNESCO World Heritage Centre, s. d.).



Legendas

1- Templo romano de Évora, perspectiva da retaguarda. Luísa Rocha, 2025. 2- Placa informativa no templo romano de Évora. Luísa Rocha, 2025. 3- Ilustração do templo romano de Évora na revista *The Penny Magazine*, em 1835. 4- Vista frontal do templo romano de Évora. Luísa Rocha, 2025.



Bibliografia



Templo romano de Évora

Seleção de conteúdos e imagens

Ana Leonor Hayes Castelo e Sofia Venâncio

BIBLIOGRAFIA

Abreu, S. M. (2012). André de Resende, um novo Alberti: um ideólogo entre o Princeps e o Architectus na recuperação da Vrbs romana de Évora (1531-1537). In *Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas*: Vol. 3 História, Arqueologia e Arte. Imprensa da Universidade de Coimbra; Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. https://doi.org/10.14195/978-989-8281-69-2_19

Alarcão, J. (1988). *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips.

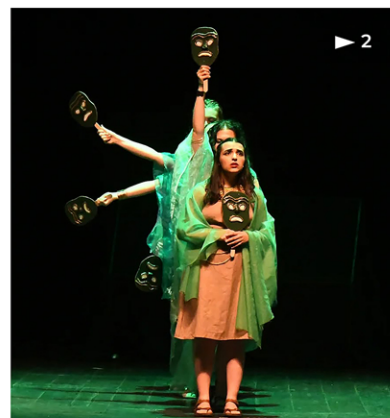
Branco, M., Lopes, B., & Olival, F. (Orgs.). (2016). *Marcas da Inquisição em Évora: Acervos do Museu e da Biblioteca Pública*. Apenas Livros. <http://hdl.handle.net/10174/19986>

Carvalho, M. S. M. de. (2022). *Desenhar a Ruína: registo, interpretação e comunicação. O exemplo da cidade romana de Ebora* [Tese de doutoramento, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/144861>

Direção-Geral do Património Cultural. (n. d.). *Templo romano de Évora*. Número IPA.00002863. SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2863 (consultado em 17-07-2025).

Rodrigues, P. S. (2020). Évora, André de Resende e os antecedentes humanistas do património em Portugal (sécs. XV-XVI). In A. Rebelo & M. Miranda (Coords.), *O mundo clássico e a universalidade dos seus valores*: Vol. 2. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2034-3>

UNESCO World Heritage Centre. (s. d.). *Historic Centre of Évora*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/361/> (consultado em 17-07-2025).



Teatro e comédia grega



► 3

O teatro clássico surgiu na Grécia por volta do século VI a. C., associado a festividades religiosas como as Grandes Dionisiacas, em Atenas. Estas celebrações incluíam procissões, coros de ditirambos com máscaras e evoluíram para espetáculos de mímica, dança, música e recitação (Leão, 2012). A **tragédia** foi o primeiro gênero a desenvolver-se. Todavia, os elementos satíricos e paródicos da **comédia** surgiram em meados do século V a. C., sendo Aristófanes um dos principais dramaturgos (The Editors of Encyclopaedia Britannica, 2019). A comédia dedicava-se à crítica política e social, humor obsceno e fantasia, assumindo um papel cívico na *polis* ateniense (Leão, 2012). Ao longo do tempo foi preferindo personagens do quotidiano em detrimento dos heróis mitológicos, como as intrigas domésticas e os romances de Menandro (The Editors of Encyclopaedia Britannica, 2014).

Legado cultural

O teatro grego influenciou a **comédia romana**, em autores como Plauto e Terêncio. Embora a sua influência em Gil Vicente seja discutível, Maria Helena da Rocha Pereira destacou a importância dos cânones classicistas nos **autos vicentinos**, que retratavam problemas da sociedade portuguesa dos séculos XV-XVI (Bernardes, 2019; Pereira, 2005). Atualmente, vários eventos e iniciativas mantêm vivo o teatro clássico. Destacam-se o Festival Internacional de Teatro Clássico de Mérida e os grupos do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, como a Associação Cultural Thíasos, o FESTEIA e o Projeto PI, que divulga o teatro e os mitos clássicos às crianças, acreditando no seu poder pedagógico. A arquitetura dos

espaços teatrais gregos é também um legado que se mantém. Nas artes, as representações de cenas teatrais e os elementos da comédia em vasos gregos oferecem-nos detalhes importantes sobre a organização do espaço cénico (Hemingway, 2004). O teatro e a comédia continuam pertinentes, preservando o seu papel de intervenção social e de crítica política.



► 4



▼ 5

Legendas

1- Mosaico romano com atores e um tocador de aulos, 70 d. C., Casa do Poeta Trágico, Pompeia, Itália. 2- Peça Helena. Associação Cultural Thíasos, Universidade de Coimbra, 2025. 3- Máscara de tragédia grega, em terracota, 200-250 a. C. Agora Museum, Atenas, Grécia. 4- Máscara de comédia grega, em mármore, século II a. C. National Archaeological Museum, Atenas, Grécia. 5- Máscara de comédia romana, século II-I a. C. National Archaeological Museum of Taranto, Itália. 6- Ruínas do antigo teatro e templo de Apolo em Delphi, Grécia. Pavle Đurakić, 2023.



Bibliografia



▲ 6

Teatro e comédia grega

Seleção de conteúdos e imagens

Rafaela Sofia Simões Herculano e Ridauria Cunha Gouveia

LINKS ÚTEIS

[Associação Cultural Thíasos](#)

[FESTEA \(Festival de Teatro de Tema Clássico\)](#)

[Festival de Mérida](#)

[Projeto PI “Pequena Infância”](#)

BIBLIOGRAFIA

Bernardes, J. A. C. (2019). Gil Vicente em modo de resistência. *A Literatura Clássica ou Clássicos na Literatura*, 25-38. <https://hdl.handle.net/10316/88445> (consultado em 24-06-2025).

Ferrari, F. (1996). *Introduzione al Teatro Greco*. Milão: Sansoni Editore.

Ferreira, J. R. (2017). *Civilizações clássicas I: Grécia*. eUAb. Universitária; 13, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/6396> (consultado em 23-06-2025).

Hemingway, C. (2000). *Theater in Ancient Greece*. Heilbrunn Timeline of Art History. The Metropolitan Museum of Art. Disponível em: http://www.metmuseum.org/toah/hd/thtr/hd_thtr.htm (consultado em 24-06-2025).

Leão, D. F. (2012). *A globalização no mundo antigo: do polites ao kosmopolites*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Pereira, M. H. R. (2005). Gil Vicente e a cultura clássica. *Revista Camoniana*, 17(3), 49-63.

The Editors of Encyclopaedia Britannica (2014, March 18). *New Comedy*. *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/art/New-Comedy> (consultado em 24-06-2025).

The Editors of Encyclopaedia Britannica (2019, November 25). *Old Comedy*. *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/art/Old-Comedy> (consultado em 24-06-2025).



Pártenon de Atenas

O Pártenon, edificado na Acrópole de Atenas entre 447-438 a. C. durante o governo de Péricles, foi dedicado a *Palas Atena* (Beard, 2003). Comemorava a vitória ateniense sobre os persas e foi parcialmente financiado pelos despojos de guerra e contribuições da Liga de Delos. Com arquitetura de Ictinus e Callicrates e supervisão artística de Fídias (Tomlinson, 2016), representa a **expressão máxima do dórico** (Woodford, 1981). Ao longo de milénios desempenhou **diversas funções**. A sua utilidade religiosa é questionável pela ausência de vestígios do altar, mas poderá ter servido como **tesouraria** ou **monumento de "ação de graças"**. Em 1687 sofreu destruição parcial devido a um bombardeamento, enquanto servia de **paio** aos otomanos. Após a Guerra da Independência Grega (1821-1832) foi **quartel militar** (Beard, 2003).

Legado cultural

Além do seu valor artístico, o Pártenon é símbolo da **democracia ateniense** e teve notável impacto na **arquitetura e pensamento contemporâneos**, especialmente entre os séculos XVIII-XX. Em meados do século XVIII, a sua valorização impulsionou o retorno à simplicidade geométrica e simétrica, valorizando as ordens clássicas como elementos estruturais (Royal Institute of British Architects, n. d.) Os primeiros esforços de conservação e restauro iniciaram no século XIX e começaram a construir-se diversas réplicas do monumento: o parlamento austríaco (Viena), Walhalla (Alemanha), Nashville Parthenon (EUA), etc.

Ainda que inseridas em contextos distintos, estas réplicas revelam ligações à tradição arquitetónica grega, afirmando princípios políticos como a cidadania e a representação (Beard, 2003). Pensadores como Oscar Wilde, Lord Byron, Freud e Virginia Woolf não prescindiram de visitar o Pártenon (Beard, 2003). Atualmente, o monumento continua a ser um **símbolo cultural**: em 2019 iluminou-se de azul pelo 30.º aniversário da Convenção sobre os Direitos da Criança, e em 2024 desligou a iluminação pela campanha "Earth Hour", em promoção da consciência ambiental (UNICEF, 2019; BBC, 2024).



Legendas

1- Vista geral do Pártenon. Spencer Davis, 2019. 2- Reconstrução da decoração pintada no Pártenon, do Museu Britânico. Twospoonfuls, 2022. 3- Reconstrução teórica do frontão este do Pártenon, realizada no final do século XIX por K. Scherzer. Este frontão, que representava o nascimento de Atena, sofreu desde então várias outras hipóteses de reconstrução que invalidaram esta última. Coleções do museu do Instituto de Arqueologia Clássica de Estrasburgo, França. 4- Acrópole de Atenas vista da colina Filopappos em Ática, Grécia. A. Savin, 2013.



Bibliografia



Pártenon de Atenas

Seleção de conteúdos e imagens

Emílio Tomiel Varela

BIBLIOGRAFIA

BBC (2024, 24 de março). *Famous landmarks around the world have powered down for Earth Hour*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-68649598> (consultado em 15-07-2025).

Beard, Mary (2003). *The Parthenon*. Harvard University.

Royal Institute of British Architects. (n.d.). *Neoclassical*. Disponível em: https://www.architecture.com/explore-architecture/Neoclassical?srsId=AfmBOorNHePa8Y_yWxNwjtI5_Ou_ZaeJJdeJmsKKgQZE_g-YI6BEps4I (consultado em 15-07-2025).

Tomlinson, R. (2016). Parthenon. *Oxford Classical Dictionary*. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-4758> (consultado em 15-07-2025).

UNICEF. (2019, 20 de novembro). *Iconic landmarks around world turn blue in symbolic stand for child rights on World Children's Day*. Disponível em: <https://www.unicef.org/press-releases/iconic-landmarks-around-world-turn-blue-symbolic-stand-child-rights-world-childrens> (consultado em 15-07-2025).

Woodford, Susan (1981). *The Parthenon*. Cambridge University.





Aquedutos romanos

Os aquedutos romanos serviam para armazenar e transportar água de fontes naturais para áreas urbanizadas, alimentando casas, banhos públicos, latrinas, chafarizes, agricultura, etc. No século III d. C., Roma era abastecida por onze aquedutos, que suportavam mais de um milhão de pessoas. A tecnologia baseada na gravidade, com inclinações calculadas, permitia um fluxo constante de água ao longo de quilómetros (Ribeiro, 2024). Eram compostos por zona de captação, *specus* (canal principal, geralmente coberto), pontes com arcos (para manter a inclinação) e *castella* (reservatórios de distribuição). Os canais podiam ser subterrâneos ou de superfície, dependendo da topografia. Os materiais de construção incluíam pedra, tijolo, *opus caementicium* (cimento romano), *fistulae* (tubos de chumbo ou cerâmica) e telhas/lajes para cobrir os canais (Evans, 1994).

Legado cultural

A construção de aquedutos por todo o império foi crucial para o desenvolvimento urbano, higiene pública e bem-estar, moldando o urbanismo e as infraestruturas das cidades até hoje, o que permitiu o florescimento de grandes centros urbanos e o desenvolvimento das condições de vida (Ribeiro, 2024). Atualmente, a tecnologia hidráulica por gravidade continua a ser um princípio fundamental na distribuição de água e saneamento. Na Idade Moderna, esta tecnologia inspirou novos aquedutos (exs.: Amoreira, Águas Livres) e permitiu a recuperação de outros, como o Aqueduto da Água de Prata em Évora, reconstruído no século XVI sobre fundações romanas (Ribeiro, 2024). Troços originais foram reutilizados em sistemas modernos, em cidades como Roma, Nápoles ou Lyon (Hodge, 2002). Alguns aquedutos romanos são Património Mundial da UNESCO, como Pont du Gard e Segóvia, tal como os vestígios hidráulicos de Mérida, Tarragona, centro histórico de Roma ou Valens (UNESCO World Heritage Centre, n. d.). Os aquedutos romanos representam uma herança europeia comum, valorizando o conhecimento técnico, a preservação do património e a gestão sustentável da água.



► 3

Legendas

1- Aqueduto romano de Pont du Gard, Nîmes, França. Ben Michel, 2023. 2- Aqueduto de Água de Prata, Évora, Portugal. Vitor Oliveira, 2022. 3- Imagem cartográfica do Aqueduto de Zaghuan, Tunísia, 1862. Bibliothèque nationale de France. 4- Aqueduto de Valens, Istambul, Turquia. Ahmet Kurt, 2022.



Bibliografia



4

Aquedutos romanos

Seleção de conteúdos e imagens

Maria Helena Gomes e Marta Fialho

BIBLIOGRAFIA

Evans, H. B. (1994). *Water distribution in ancient Rome: The evidence of Frontinus*. The University of Michigan Press.

Hodge, A. T. (2002). *Roman aqueducts and water supply*. Duckworth.

Ribeiro, M. D. C. (2024). Constructive Challenges in the Water Supply to Cities, from Roman Times to Modern Times. Some Reflections Based on the Portuguese Reality. *International Journal of Architectural Heritage*, 1-16.
<https://doi.org/10.1080/15583058.2024.2367687>

UNESCO World Heritage Centre. (n.d.). *Archaeological Ensemble of Mérida*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/664/> (consultado em 21-07-2025).

UNESCO World Heritage Centre. (n.d.). *Archaeological Ensemble of Tarraco*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/875/> (consultado em 21-07-2025).

UNESCO World Heritage Centre. (n.d.). *Historic Areas of Istanbul*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/356/> (consultado em 21-07-2025).

UNESCO World Heritage Centre. (n.d.). *Old Town of Segovia and its Aqueduct*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/311/> (consultado em 21-07-2025).

UNESCO World Heritage Centre. (n.d.). *Pont du Gard (Roman Aqueduct)*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/344/> (consultado em 21-07-2025).

Verhoeven, M., Gerritsen, F., & Özçakır, Ö. (2023). Revitalizing Istanbul's Water Heritage: The Valens Aqueduct. *Blue Papers*, 2(1), 154-163.
<https://doi.org/10.58981/bluepapers.2023.1.15>



Jogos Olímpicos

Seleção de conteúdos e imagens

Clara Del Olmo Miranda

BIBLIOGRAFIA

Banicevic, Z., Belić, A., & Banicevic, I. (2013, abril). MENS SANA IN CORPORE SANO – FROM ITS ORIGINS UP TO NOW. In *Proceedings book of the 3rd International Scientific Conference Exercise and Quality of Life*. Novi Sad: Faculty of Sport and Physical Education. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360259667_MENS_SANA_IN_CORPORE_SANO_-_FROM_ITS_ORIGINS_UP_TO_NOW (consultado em 22-07-2025).

Comité Olímpico Internacional. (s. f.). *Chamonix 1924: Los Juegos Olímpicos de Invierno*. Disponível em: <https://www.olympics.com/es/olympic-games/chamonix-1924> (consultado em 22-07-2025).

Comité Paralímpico Internacional. (s. f.). *Historia del Movimiento Paralímpico*. <https://www.paralympic.org/es/ipc/history> (consultado em 22-07-2025).

Jenny Craig Institute for the Study of War and Democracy. (agosto 6, 2024). *The “Lost Olympics” of 1940 and 1944*. Disponível em: <https://www.nationalww2museum.org/war/articles/lost-olympics-1940-and-1944> (consultado em 22-07-2025).

Jones, J. (2024, 24 de julho). *It's the art Olympics! The 20 greatest ever sporting artworks*. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/article/2024/jul/24/art-olympics-20-greatest-sporting-artworks-games-paris> (consultado em 22-07-2025).

McKeever, A. (2020, 25 de marzo). *La turbulenta historia de las Olimpiadas en épocas de crisis internacionales*. National Geographic. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.es/historia/2020/03/turbulenta-historia-olimpiadas-en-epocas-de-crisis-internacionales> (consultado em 22-07-2025).

Miller, S. G. (2004). *Ancient Greek Athletics*. Yale University Press.

Missiroli, A. (2024). *Games of Peace and War: The Olympics and International Politics* (CSDS Policy Brief No. 21/2024). Centre for Security, Diplomacy and Strategy (CSDS), Vrije Universiteit Brussel. Disponível em: <https://csds.vub.be/publication/games-of-peace-and-war-the-olympics-and-international-politics/> (consultado em 22-07-2025).

Museo Conmemorativo del Holocausto de los Estados Unidos. (2025, 7 de abril). *The Nazi Olympics Berlin 1936*. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/the-nazi-olympics-berlin-1936> (consultado em 22-07-2025).

Tallman, E. (2024, 1 de julho). *The Olympic Legacy: From Ancient to Modern Greek Architecture*. ArchiExpo e-Magazine. Disponível em: <https://emag.archiexpo.com/the-olympic-legacy-from-ancient-to-modern-greek-architecture/> (consultado em 22-07-2025).

United States Holocaust Memorial Museum. (n.d.). *The Nazi Olympics Berlin 1936*. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/the-nazi-olympics-berlin-1936> (consultado em 22-07-2025).

Young, D. C. (2004). *A brief history of the Olympic Games*. Blackwell Publishing.





Vasos gregos

Na cerâmica grega, os vasos destacam-se enquanto fonte primária para entender o quotidiano, os mitos e a arte da Grécia Antiga. Usados em contextos diários (armazenamento de bens) ou rituais (cerimónias religiosas ou funerárias), eram também símbolos de prestígio, graças ao primor e detalhe da sua decoração (The Editors of Encyclopaedia Britannica, 2025). Consoante a função, cada vaso tinha um nome e forma específicos: ânforas para armazenamento, hídrias para transporte de água, crateras para misturar vinho, alabastros para óleos e perfumes, léцитos para rituais funerários, etc.

Legado cultural

A cerâmica é um testemunho arqueológico omnipresente e uma janela inestimável para o passado. Os vasos gregos, pela riqueza das suas narrativas, refletem os costumes da civilização grega. As decorações revelam templos, práticas religiosas, cenas do desporto, mitologia (histórias de Hércules, Aquiles ou Ulisses), vida quotidiana (tarefas domésticas, casamentos, banquetes, festas, danças), etc. As figuras eram pintadas com grande detalhe, permitindo também estudar vestuário, instrumentos musicais, armas, ou ainda identificar diferenças entre géneros e classes sociais (Pereira, 2007). Estes vasos circularam amplamente por todo o Mediterrâneo – o que demonstra a sua popularidade –, chegando inclusivamente à Ibéria (Francisco, 2015). Em Pompeia e Herculano encontraram-se exemplares muito bem preservados, reveladores da influência da cultura grega no império romano, especialmente no uso decorativo e doméstico da cerâmica (Pereira, 2007). Os vasos gregos também ganharam destaque na cultura popular. O filme *Hércules* (1997), da Disney, adaptou o herói mítico e inspirou-se diretamente na estética das pinturas de figuras vermelhas em fundo preto, levando esta arte milenar ao público infantil de uma forma vibrante (Character Design References, s.d.). Pelo manancial de informação presente na sua decoração, os vasos gregos são, ainda hoje, uma das principais fontes materiais para o estudo da civilização grega.



► 4

► 3

Legendas

1- Kylix (recipiente feito de barro ou metal), 490-480 a. C. Museum of Cycladic Art, Atenas, Grécia. 2- Kylix de terracota, 520-510 a. C. The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, EUA. 3- Lekythos (frasco de óleo) pintado com figura de Hermes, 480-470 a. C. The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, EUA. 4- Rhyton (vaso para libações ou para beber) em terracota, 460 a. C. The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, EUA. 5- Pormenor de Hydria (vaso de cerâmica ou bronze, usado para guardar, transportar e beber líquidos como água ou vinho), 340-320 a. C. © The Trustees of the British Museum, Londres, Reino Unido.



Bibliografia



Vasos gregos

Seleção de conteúdos e imagens

Francisco Rosado e João Silva

BIBLIOGRAFIA

Character Design References. (s. d.). *The art of Hercules*. Disponível em:
<https://characterdesignreferences.com/art-of-animation-5/art-of-hercules>
(consultado em 29-07-2025).

Francisco, G. da S. (2015). Vasos Gregos e Relações Internacionais. *Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia*, 25, 191-213.
<https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2015.114978>

Pereira, M. H. R. (Coord.). (2007). *Vasos Gregos em Portugal (Aquém das Colunas de Hércules)*. Museu Nacional de Arqueologia.

The Editors of Encyclopaedia Britannica (2025, March 28). *Greek pottery*. *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/art/Greek-pottery> (consultado em 29-07-2025).





Academia de Atenas

A Academia de Atenas, fundada por Platão cerca de 387-386 a. C. no jardim de Akademos, era uma escola filosófica, sem distinção de idade entre mestres e discípulos e sem intuítos lucrativos. Ensinava filosofia, física, matemática e astronomia. Funcionava como comunidade de estudantes com diferentes graus de desenvolvimento académico. Foi encerrada em 529 d. C. pelo imperador Justiniano (Malato, 2009). A Academia formou alguns dos maiores pensadores da Antiguidade, como Aristóteles. O método pedagógico baseava-se no diálogo como forma central de aprendizagem, valorizando a reflexão crítica, a ética e o desenvolvimento integral do indivíduo (Trelawny-Cassity, s. d.).

Legado cultural

O legado pedagógico e filosófico da Academia de Platão é um dos pilares da tradição intelectual ocidental (Malato, 2009). Graças ao neoplatonismo humanista, muitas instituições da ciência, arte e filosofia deixaram-se inspirar pela academia platónica, enquanto espaço de excelência intelectual e moral (ex., *Accademia Platonica*, fundada por Marcílio Ficino em Florença, 1459-1462) (Crygielewicz, M., 2020). No século XVIII, as "academias reais" proliferaram na Europa (Malato, 2009). As representações artísticas também retrataram a Academia, especialmente a pintura. A percepção da sua imagem como um jardim idealizado, um refúgio onde se debatia serenamente, foi amplamente reproduzida. Todavia, *A Escola de Atenas*, famoso fresco de Rafael no Vaticano,

retratou a academia não num jardim, mas num cenário arquitetónico clássico. Na arquitetura neoclássica, esse legado manifestou-se na criação de edifícios inspirados nos templos gregos, como o caso da atual Academia de Atenas, cuja construção foi concebida para simbolizar a continuidade do ideal platónico. Fundada em 1926, no centro de Atenas, a missão da nova Academia centra-se na promoção das ciências, humanidades e artes, juntamente com a investigação científica, e em diálogo com outras academias internacionais (Academy of Athens, s. d.).



▼
3

Legendas

1- Mosaico da Academia de Platão, proveniente da villa de T. Siminius Stephanus, em Pompeia, 100 a. C. a 79 d. C. Museu Nacional Arqueológico, Nápoles, Itália. 2- Academia de Atenas. Linda Gerbec, 2022. 3- Platão, cópia em mármore do busto feito por Silanion, cerca de 370 a. C., para a Academia de Atenas. Proveniente da "área sacra" do Largo Argentina, em Roma. 4- *Escola de Atenas*. Rafael, 1509. Fresco no Vaticano.



Bibliografia



Academia de Atenas

Seleção de conteúdos e imagens

Beatriz Rocha e Daniela Valentim

BIBLIOGRAFIA

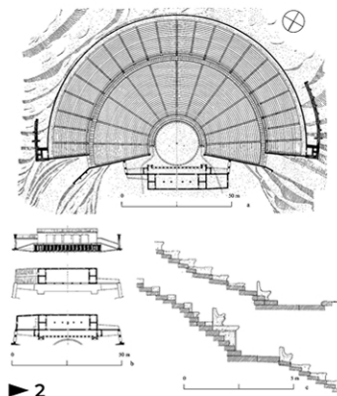
Academia de Atenas. (s. d.). *History*. Disponível em:
<https://www.academyofathens.gr/en/academy/idrysh/istoriko> (consultado em 30-07-2025).

Grygielewicz, M. (2020). In the Garden of Academus – a Philosophical and Artistic Encounter. *Journal of the CIPH*, N. 97(1), 83-93. Disponível em:
<https://shs.cairn.info/journal-of-the-ciph-2020-1-page-83?lang=en> (consultado em 30-07-2020).

Malato, M. L. (2009). A Academia de Platão e a Matriz das Academias Modernas. *Notandum*, (19), 5-16. <http://hdl.handle.net/10216/23056>

Trelawny-Cassity, L. (s. d.). *Plato: The Academy*. Internet Encyclopedia of Philosophy. A Peer-Reviewed Academic Resource. Disponível em:
<https://iep.utm.edu/plato-academy/> (consultado em 30-07-2025).





Teatro de Epidauro

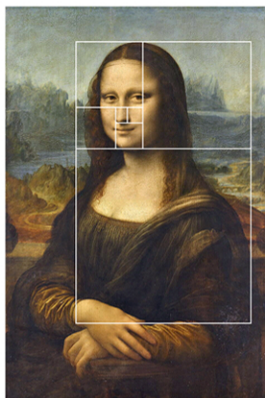
A construção do teatro de Epidauro, cidade do Peloponeso (Grécia), foi atribuída por Pausânias ao arquiteto Policleto, em 330-320 a. C. (Castiajo, 2012). É considerado, já na antiguidade, o teatro “mais harmonioso e bonito de todos”. Destaca-se pela singularidade da sua arquitetura (distanciada da dos edifícios sagrados) e por ser reservado a eventos culturais, sem carga política associada.

Após a 2.ª e última fase de construção (170-160 a. C.), admitia cerca de 12.000 pessoas. A sua acústica perfeita e o auditório simetricamente redondo permitem uma experiência única aos espectadores. Sabe-se que é, muito provavelmente, o primeiro teatro a possuir um palco em pedra (Castiajo, 2012). O espaço reflete o ideal apolíneo, de ordem e harmonia estética (Wiles, 1997).

Legado cultural

A arquitetura do teatro de Epidauro possibilitou o conhecimento da matemática que lhe subjaz, proporcionando assim a aplicação futura de princípios hoje imprescindíveis.

A sua construção baseia-se numa série de “propriedades matemáticas e de proporções”, como a sequência de Fibonacci e o número de ouro (ou proporção áurea), princípios ambos presentes na natureza (Cunha, 2012).



► 3

A experiência de Epidauro deixou também marcas na literatura portuguesa. O teatro e a sua acústica foram retratados nas obras de Sophia de Mello Breyner (*Geografia*, 1967; *Ilhas*, 1989) e a natureza envolvente marcou a escrita de Eugénio de Andrade (*Vertentes do Olhar*, 1987) (Pereira, 1999).

Só poderás ser liberta aqui na manhã d'Epidauro. (...) A tua voz subirá sozinha as escadas de pedra pálida. E ao teu encontro regressará a teoria ordenada das sílabas — portadoras limpas da serenidade. (Sophia, *Geografia*: 67)

A influência do teatro de Epidauro estende-se até hoje. O seu modelo arquitetónico foi replicado posteriormente, e continua a ser inspiração para engenheiros e artistas. A sua funcionalidade enquanto espaço cultural mantém-se: continua a ser utilizado em festivais contemporâneos, mantendo vivo não só o teatro clássico, mas também o monumento.

Legendas

1- Festival de Epidauro. © Evi_Fylaktou/Athens Epidaurus Festival 2025. 2- Planta e alçado reconstruídos do teatro de Epidauro. Jean-Charles Moretti. *The Evolution of Theatre Architecture*, in E. Csapo, H. R. Goette, J. R. Green, P. Wilson (ed.), *Greek Theatre in the Fourth Century B.C.*, Berlin - Boston, 2014, p. 116. 3- Representação do número de ouro na Mona Lisa (c. 1503-1505), de Leonardo da Vinci. 4- Panorama do antigo teatro de Epidauro, Grécia. Andy Fluet, 2024.



Bibliografia



Teatro de Epidauro

Seleção de conteúdos e imagens

Ana Fragoso

BIBLIOGRAFIA

Castiajo, I. (2012). *O teatro grego em contexto de representação*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0271-4>

Cunha, V. S. de O. e (2012). A Grécia Clássica: uma viagem ao seu teatro. *Millenium*, (43), 177-201. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4126829> (consultado em 31-07-2025).

Pereira, M. H. da R. (1999). Paisagem real e paisagem espiritual da Grécia em alguns poetas portugueses contemporâneos. *Ágora: estudos clássicos em debate*, (1), 11-30. <https://hdl.handle.net/10316/13451>

Wiles, D. (1997). *Tragedy in Athens: Performance space and theatrical meaning*. Cambridge University Press.





LEGADOS CLÁSSICOS



Projeto MEDHEUS (0086/03) - Co-Financiado pela União Europeia, financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/00027/2020